

DANÚBIO GONÇALVES - Xilografura de Tópo da série Charqueada (1953). O artista foi um dos capistas da Revista "Horizonte", do Partido Comunista, editada pela poetisa Lila Ripoll.



LILA RIPOLL

**A**nos 30. Os poetas neo-simbolistas predominavam na poesia rio-grandense, entre eles Mário Quintana, Augusto Meyer, Theodemiro Tostes e Paulo Correa Lopes.

Anos 40. Uma voz feminina surge, juntando-se ao grupo. Era a professora de música e pianista Lila Ripoll, presença marcante, que viria a publicar sete livros de poesias até os anos 60, "com aquela constância que evidencia a determinação de construir uma obra, sinal dos escritores que permanecem", escreveria sobre a poetisa e professora Maria da Glória Bordini, do Instituto de Letras da UFRGS, no ensaio "O Lirismo Incontroverso de Lila Ripoll".

1990 marca os 85 anos do nascimento de Lila Ripoll. Nasceu em Quaraí, em 12 de agosto de 1905, no mesmo ano de Érico Veríssimo. Morreu em sete de fevereiro de 1967, de câncer, em Porto Alegre.

Resgatar a figura e a obra de Lila Ripoll é trazer de volta uma voz que foi calada nos anos 60, com o golpe militar que silenciou também muitas outras vozes, e uma obra que foi esquecida como consequência da treva que se abateu sobre o Brasil naqueles anos e nos seguintes.

Somente em 1987, através de uma idéia do escritor Ivo Bender, então diretor do Instituto Estadual do Livro, é que Lila é reeditada. Primeiro, um fascículo da coleção Letras Rio-Grandenses, do IEL, foi dedicado à poetisa. Em seguida, a edição de *Ilha Difícil*, pela Editora da UFRGS. Ambos foram organizados pela professora Maria da Glória Bordini.

Além de poetisa, Lila foi militante do Partido Comunista. Fez parte da Frente Intelectual do PC, que reunia vários escritores e intelectuais gaúchos. Atua no Sindicato dos Metalúrgicos, onde dirige o Departamento Cultural, dá aulas de música e de literatura, encena peças de teatro e funda o Coral dos Metalúrgicos. Apesar desse trabalho na organização das classes oprimidas, Lila Ripoll pouco deixa transparecer em sua poesia as questões políticas. Num depoimento a Elvo Clemente, ela mesmo diria que a poesia social, revolucionária, marxista, não foi o melhor de sua produção. "Considero-os mais fracos dos meus trabalhos literários" — observaria a própria Lila.

O poeta e escritor Walmyr Ayala, responsável pela edição de uma Antologia Poética de Lila Ripoll, publicada alguns dias antes da morte da poetisa, colocou-a entre as mais importantes vozes femininas da lírica brasileira, ao lado de Cecília Meirelles e de Henriqueta Lisboa. Lembraria Lila como "uma afetuosa amiga. Sua atenção, sua forma lírica de ser e de se expressar, a memória um pouco legendária de sua atuação política, e até de mistérios de amor que se escondiam sob aquela fala mansa, aquele desejo tímido de refletir uma aparente passividade. No entanto, possuidora de expressão, determinação, engajamento numa ideologia social das mais transparentes e missionárias" (depoimento concedido à professora Maria da Glória Bordini).

Neste DOCUMENTO, colocamos um pouco da obra daquela que foi uma das grandes poetisas do nosso tempo. Seu amigo Cyro Martins, em depoimento à professora Maria da Glória, bem definiria sua obra, como uma poesia que "paira acima das divisões ideológicas. É uma condenação implícita às ignomínias que enfiam a vida".

## NO CASARÃO...

Nasci num casarão velho, de esquina,  
 Escondido entre salsos pensativos.  
 E foi lá que a minha alma, ainda menina,  
 Olhando dia e noite os poentes vivos,  
 Aprendeu a viajar no pensamento.  
 Eu fui uma criança sem infância.  
 Senti, desde pequena, esse tormento  
 Que o sonho traz depois de cada ânsia.  
 E que é o maior dos males que conheço!  
 Às vezes, noite alta, eu levantava,  
 Vestia minha roupa pelo avesso  
 E saía sozinha (a lua espiava!)  
 Para olhar as estrelas e os céus altos...  
 O quintal era um mundo diferente,  
 Que eu percorria sem temer assaltos.  
 Meu corpo, que já era um pobre doente,  
 Tiritava de frio e de emoção  
 Quando o vento arrepiava os velhos salsos  
 que arrastavam os braços pelo chão...  
 Meia-noite... Fantasmas... Bruxas brancas...  
 Eu sozinha vagando pelo escuro...  
 Minha casa fechada com mil trancas,  
 E as pedras a cair do velho muro...  
 Quando a lua fugia, já cansada,  
 Meus passos, silenciosos, apagados,  
 Voltavam pelas pedras da calçada  
 Que a nossa casa tinha de um dos lados.  
 De manhã: os olhares, as perguntas...  
 (Eu estava tão branca. Tão sem cor.  
 As olheiras iguais às de defuntas...)  
 — “Era o vento!” “Era o frio!” “Era o calor!”:  
 A mentira que achava na ocasião...  
 E de noite, outra vez, às escondidas,  
 Abandonava o velho casarão...



# CANÇÃOZINHA SEM SENTIDO

O vento partiu-se  
num canto de esquina,  
e abriu quatro braços  
em vários sentidos.

As flores abertas  
jogaram perfumes.  
Na rua cantaram  
mil vidros partidos.

Às vozes dos sinos,  
unidas ao vento,  
desceram os Anjos  
com olhos de espanto.

Traziam mistérios  
nas asas branquinhas:  
“Pecou uma Virgem?  
Morreu algum Santo?”

E os ventos corriam,  
voltavam, partiam,  
e os sinos cantavam  
unidos ao vento!

## TECEDEIRA

Para quem teço ternuras  
neste fio interminável,  
alvo, branco,  
imponderável?

Num desenho delicado,  
minhas mãos fiam venturas.

Sou tecedeira de um sonho,  
puro, claro, inacabado.  
Fia, fia, a tecedeira.

Chega o outono e a primavera.  
Dos frutos caem sementes,  
das sementes brotam flores.

E o fio interminável,  
tece o sonho de uma espera.

Fia, fia, a tecedeira.  
Trança seu fio alvo e branco,  
desenha e trança venturas.

Fia, fia, a tecedeira,  
sem saber para quem tece,  
com o fio interminável,  
uma teia de ternuras.



# CORRENTES...

Tantos e tantos caminhos  
e os meus pés aqui parados  
na negativa de andar.  
Cansei a boca e o desejo,  
desenrolei pensamentos,  
pedi, pedi que seguissem  
e eles ficaram imóveis,  
como rocha junto ao mar.

Há correntes invisíveis  
enroladas no meu corpo.  
— Ninguém as pode partir! —  
Fico parada às estradas,  
encho a cabeça de sonhos,  
atiro as mãos para a frente  
mas nunca posso seguir.

Minha roupa às vezes toma  
a forma exata de um barco  
que morre por navegar.  
Mas — ai! de mim! — faltam remos,  
a água vem, vai e volta,  
molha meus pés invisíveis  
e as correntes não me deixam.  
— Meu destino é renunciar. —

Os caminhos estão claros  
e há convite sem medidas...  
— Ah! partir minhas correntes! —  
Prisioneira do meu corpo,  
sobem ondas de desejos,  
descem ondas de esperanças —  
vai e vem soturno e triste  
como a água das vertentes!

Pode a Vida fechar todos  
os caminhos que me abriu.  
Meus pés não querem andar.  
Falei sempre inutilmente...  
Minha boca é um traço triste  
que perdeu seu movimento  
de pedir... sem alcançar...

Ilustração de Danúbio Gonçalves.



Danúbio  
90

# CHORINHO

Chorinho de clarineta,  
chorinho — choro chorado  
chorinho — choro do pobre.

Chorinho descendo morro  
e o morro dentro do choro.  
Chorinho de clarineta  
chorando alto  
no asfalto.

A clarineta prossegue  
pichando as ruas de choro.  
Traz a mensagem do morro  
no seu chorinho chorado.

Chorinho de clarineta,  
chorinho — choro chorado  
chorando alto  
no asfalto.

# CANÇÃO DE AGORA

Ontem meu peito chorava.  
Hoje, não.  
Também cansa a desventura.  
Também o sol gasta o chão.

Estava ontem sozinha,  
tendo a meu lado, sombria,  
minha própria companhia.  
Hoje, não.

Morreu de tanto morrer  
a pena que em mim vivia.  
Morreu de tanto esperar.  
Eu não.

Relógios do tempo andaram  
marcando o tempo em meu rosto.  
A vida perdeu seu tempo.  
Eu não.

Também cansa a desventura.  
Também o sol gasta o chão.



# DEVIA O SONHO SER ETERNIDADE!

Dizem todos que estou muito magrinha.  
Que preciso sossego e que convinha  
procurar um lugar tranqüilo e manso,  
desses que o céu nos deu para descanso.  
Que vontade de rir e de chorar!  
— Acaso os pobres podem descansar?  
E depois não estou triste, nem doente.  
Emagreci, talvez, de indiferente  
e deste desencanto de viver!  
Tudo igual, sempre igual: o entardecer,  
o sol que morre, a lua que aparece,  
velhos sinos tocando (hora da prece),  
a noite, a madrugada... Tédio! Tédio!  
Se o mal está em mim, onde o remédio  
que possa me curar, me transformar?  
Se eu pudesse sair, andar, viajar!  
Talvez mudasse a vida sempre igual  
saindo mar afora... — O sonho é um mal! —

Sei que há moças que vivem como eu vivo:  
olhando o mesmo poente pensativo,  
a paisagem de sempre, imóvel, fria  
de tanto ser igual — Vida vazia! —

As outras são sensatas. Têm juízo.  
Rezam para obter o Paraíso  
e aqui nada desejam mais que um lar.  
Mas eu — é necessário confessar! —  
por mais que nisso ponha o meu empenho,  
nunca tive juízo e ainda não tenho!

Sinto inveja das águas e do vento  
Coloco asas no meu pensamento,  
e viajo como os pássaros: no ar...  
E o que não posso ser, sei inventar!...

Depois, quando regresso à realidade,  
(devia o sonho ser Eternidade!)  
fico ainda mais triste do que antes:  
corpo aqui, alma em terras mais distantes!





# GRITO

Não. Não irei sem grito.  
Minha voz nesse dia subirá.  
E eu me erguerei também.  
Solitária.  
Definida.

As portas adormecidas abrirão  
passagem para o mundo.

Meus sonhos, meus fantasmas,  
meus exércitos derrotados,  
sacudirão o silêncio de convenção  
e as máscaras de piedade compungida.

Dispensarei as rosas, as violetas.  
os absurdos véus sobre meu rosto.

Serei eu mesma.  
Estarei inteira sobre a mesa.  
As mãos vazias e crispadas,  
os olhos acordados,  
a boca vincada  
de amargor.

Não. Não irei sem grito.

Abram as portas adormecidas,  
levantem as cortinas,  
abaixem as vozes  
e as máscaras —

que eu vou sair inteira.  
Eu mesma. Solitária,  
Definida.